



Não violência.
Dos reis aos cidadãos comuns, o país passa mensagem de transparência, proximidade e democracia

ODD ANDERSEN/AFP

Um exemplo comovente

GEOPOLÍTICA | A reação de solidariedade da Noruega após os ataques reitera valores de igualdade e respeito aos direitos civis e sociais que são marcos da história do país

POR ZILDA MÁRCIA GRÍCOLI IOKOI, PROFESSORA DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E DIRETORA-EXECUTIVA DO LABORATÓRIO DE ESTUDOS SOBRE A INTOLERÂNCIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Num primeiro momento, o registro de dois atentados em 22 de julho — um em Oslo, capital da Noruega, e outro na ilha de Utoya — seguia o já antigo jargão da imprensa internacional: terrorismo atribuído a “fanáticos muçulmanos”. Entretanto, logo Anders Behring Breivik assumiu a autoria dos ataques. Um homem branco, daquele país, que aparentemente agiu sozinho, se apresentou à polícia e compareceu a um tribunal no dia 25 do mesmo mês. O responsável pelos crimes solicitou que a audiência fosse pública para explicar-se aos

presentes. O juiz decretou a prisão preventiva do assassino por oito semanas, sendo as quatro primeiras em confinamento solitário. Não poderá receber cartas. Visitas, só do advogado. E ficará longe da imprensa. Os procedimentos impedem o uso das mídias para que o espetáculo desejado pelo atirador não possa prosseguir.

Como entender um fenômeno dessa natureza em um país que se destaca pela política efetiva de direitos humanos, de incorporação de imigrantes e de sua cultura, e que é exemplo no respeito aos direitos civis e sociais? Isso poderia ser explicado simplesmente como um desastre originado por desvios psíqui-

cos de alguém doente? Como entender o ódio que se manifesta racionalmente e que se expõe numa teatralidade dessa envergadura?

Roland Gori, em *O Realismo do Ódio*, afirma, sobre esse tema, que uma das concepções do ódio em Freud (o ódio invejoso) “se situa sob o signo de uma rivalidade com o intruso, cujas função e predicação são asseguradas pela figura paterna. O ódio do pai, a rivalidade odiosa com o pai, garante uma identificação cuja significação simbólica provoca os remorsos melancólicos e, para o sujeito, a origem da moral consiste em interditar aquilo que antes o pai lhe interditava”. Infere-se que essa questão pode

ser uma pista sobre o comportamento de Anders em notícia da resposta do pai do atirador, que vive na França e não quer aparecer. Disse não ter contato com o filho e que a vergonha que sente é tanta que não terá coragem de voltar à Noruega nunca mais.

Gori define esse ódio invejoso que mantém uma espécie de parentesco com a agressividade sem, no entanto, com ela poder se confundir. O que é comum entre ambos é uma dimensão imaginária em cujo terreno se desdobram as rivalidades narcísicas do drama social. Quando o ataque se dirige ao conjunto da sociedade e não ao que interdita o sujeito, suas possibilidades de entendimento nos reportam à história para que se encontrem possíveis chaves desse desfecho.

A história da Noruega independente nos remete a 1814, quando da promulgação da primeira Constituição nacional. O país, agrário até o início do século XX, se industrializou rapidamente. As lutas dos trabalhadores pelos direitos sociais foi constante e a repressão se fez sentir de modo efetivo.

No período entre guerras, a Noruega enfrentou um conjunto de disputas nacionalistas internas, mas criou uma resistência civil que o historiador Berge Furre classifica em sua *História da Noruega* (1971) como o maior movimento popular já visto no país. A mobilização aconteceu em vários setores: nas organizações empresariais, entre os trabalhadores, nas escolas, nas universidades e nas igrejas. Uma tentativa nazista de controlar as organizações sindicais resultou em desligamentos em massa. A central sindical organizou greves, como a do leite, o que levou seus líderes, Viggo Hansteen e Rolf Wikstrom, a serem sumariamente executados. Ao tentar vincular professores e alunos à juventude nacionalista, a União Nacional enfrentou boicote de docentes e protestos de pais. A Igreja negou apoio e muitos sacerdotes renunciaram aos cargos. A imprensa clandestina se multiplicou tanto pelo rádio quanto pelos jornais. Na Universidade de Oslo, alunos passaram a usar clipes nas lapelas para demonstrar seu repúdio ao regime nazista, representando união e resistência.

Em 1946, o governo instituiu a Lei do Ensino Suplementar, perfeitamente laica, e assumiu o controle da Escola de Magistério de Oslo, até então controlada pela Sociedade para Evangelização Nacional. O caso mais destacado da época se deu com o lançamento de *A Canção do Rubi Vermelho*, de Agnar Mykle, acusado de publicar material pornográfico. O romance chegou

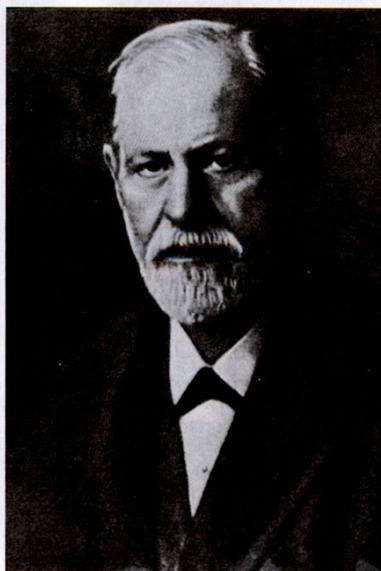


PHOTO 12/AFP

Uma amostra de coerência social deuse pelas manifestações indicando para não responder à violência com violência

Origem do mal. Freud buscou na rivalidade com a figura paterna a origem para o que chamou de "ódio invejoso"

a ser retirado do mercado, mas, em 1958, o Supremo Tribunal reverteu a decisão e garantiu a livre circulação de sua publicação.

Ainda em 1958, os trabalhistas instituíram a escola unitária. O ensino fundamental, obrigatório, de qualidade e dividido em nove anos, seria realizado em instituições públicas. Também defendiam o fim do prestígio do diploma, fazendo com que o ensino profissionalizante e o acadêmico fossem colocados em situação de igualdade, reforma implementada em 1960.

A CHEGADA DOS ESTRANHOS

Nas décadas de 1960 e 1970, os sami (originários da Lapônia) passaram a reivindicar seus direitos ancestrais às terras da província de Finnmark, planalto colonizado pelos povos autóctones que garantiram à Noruega impor sua soberania na região quando do reconhecimento da independência. Segundo seus porta-vozes, seria necessário implementar políticas que garantissem igualdade jurídica em relação aos noruegueses. Em 1956, sob pressão das entidades defensoras de direitos humanos, criou-se a Comissão Pública para o Povo Sami, que promoveu a igualdade socioeconômica dos indígenas e organizou programas específicos de divulgação e preservação de sua cultura. Essas lutas e a legislação permitiram o convívio intercultural e uma maior abertura do diálogo com os costumes dos habitantes tradicionais. Foi também um valor no que diz respeito à chegada dos estrangeiros, grandes contingentes de imigrantes que se inseriram em estruturas de trabalho, produzindo riqueza no país.

Naquela época, também surgiram novas expressões do movimento feminista, que não apenas questionava as diferenças jurídicas entre homens e mulheres, mas também as discriminações e a necessidade de emancipação. Em 1961, Ingrid Bjerks tornou-se a primeira pastora da Igreja da Noruega. Em 1979, foi aprovada a Lei da Igualdade entre os Sexos, que criou a função de ombudsman contra a discriminação no trabalho e na sociedade. A legislação permitindo o aborto "caso a gravidez, o parto ou a guarda da criança pudessem colocar a mãe em circunstâncias difíceis" foi aprovada em 1975. Em 1978, foi aprovada a Lei Pró-Escolha, que concedia permissão de interromper a gravidez às mulheres durante as primeiras 12 semanas de gestação. O sexismo no trabalho e na política também caiu: em 1969, 10% das mulheres eram deputadas. Em 1981, essa parcela subiu para 25%. No

mesmo ano, uma mulher assumiu o cargo mais importante no Parlamento.

Desde 1970, o país proibiu toda forma de discriminação (inclusive os discursos de ódio) baseada na noção de raça, cor, etnia ou nacionalidade e, em 1981, a discriminação contra homossexuais.

Na década de 70, passou-se a questionar alguns valores que haviam norteado a consolidação da sociedade de Bem-Estar Social. Em 1972, foi criado o Ministério do Meio Ambiente. Desde 1914, os ambientalistas defendiam que deveria haver limites para o consumo e a emissão de poluentes. O Greenpeace instalou-se na Noruega em 1989 e, além dele, outra organização ativa foi a Fundação Bellona.

CONSERVAÇÃO DE VALORES

Um país com esse histórico de direitos, igualdades e preocupações sociais e ambientais definidas em leis acabou surpreendido pelos atentados. É im-

portante perceber que a presença de leis pode tranquilizar moradores e autoridades sobre as ações violentas. Mas, neste caso, elas podem também fomentar ódios invejosos e racionais que surgem pela exacerbação da violência. Breivik escreveu um extenso manifesto e se apresentou como um “cruzado” comprometido com a luta contra o islamismo e o marxismo.

O que fazer num momento destes? Uma amostra de coerência social e institucional deu-se pelas manifestações de solidariedade aos parentes das vítimas de modo pacífico e coordenado entre todos – cidadãos, autoridades e meios de comunicação – indicando que não se pode responder à violência com mais violência. Esse exemplo comovente pode ser importante para os países que respondem com armas, guerras, milícias, discriminações, mais desigualdades ou ódios exacerbados pelas posturas de

vitimização ou mesmo de vingança. O ódio invejoso somado, ao ódio racional, paradigma do século XX, intensifica-se neste início de século XXI.

Saudado por sua ação humana, mas firme após os atentados, o primeiro-ministro trabalhista Jens Stoltenberg orienta seus concidadãos a “conservar seus valores”. “A Noruega se divide agora em antes e depois de 22 de julho. Somos nós mesmos que devemos decidir como será o país daqui para a frente”, observou o chefe de governo na noite em que mais de 100 mil pessoas se reuniram em homenagem às vítimas. Em nenhum momento ocorreram reações de ódio à tragédia. Desde o rei Harald e a rainha Sônia, passando por cidadãos anônimos, a mensagem é a mesma: transparência, abertura, proximidade, democracia.

Virtudes que, para eles, devem seguir constituindo identidades no país. ●

Em Sala

Guia de atividades didáticas

Competências

Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais do poder

Habilidades

Reconhecer a dinâmica da organização dos movimentos sociais e a importância da participação da coletividade na transformação da realidade histórico-geográfica

Os fantasmas do passado europeu

A resposta dos noruegueses aos ataques se contrapõe aos movimentos da extrema-direita na história

Atividades

1 Quando analisamos o século passado, nos deparamos com um dos períodos mais sangrentos da história da humanidade. Como bem classificou Eric Hobsbaw, foi uma “era dos extremos” quando aconteceu um dos mais estardalados movimentos que a humanidade já presenciou e que varreu a Europa: o fantasma do nazismo alemão. Debata com seus alunos quem eram esses nazistas e como chegaram ao poder. Como pôde uma nação inteira seguir um líder carismático, como Adolf Hitler, em direção ao morticínio xenofóbico de raças consideradas inferiores pelos defensores dessa ideologia?

2 Judeus, ciganos, eslavos e comunistas, entre outros, foram perseguidos e mortos pelos adeptos do nacional-socialismo alemão. Para a maioria de nós, é difícil compreender como os alemães do início do século XX puderam seguir tal ideologia racista, que não só foi aceita como foi amplamente



Xenofobia.

Ações de Anders em Oslo podem servir de ponto de partida para refletir sobre os valores que levaram à ascensão do nazismo no século XX

divulgada a todas as nações com populações germânicas. Até no Brasil, os descendentes de alemães tinham exemplares do livro *Mein Kampf* de Hitler e não viam mal algum nisso. Como a ação de Anders em Oslo nos remete aos valores de meados do século XX e à ação

da extrema-direita que se expande por vários países da Europa?

3 Debata em sala: como a resposta da sociedade norueguesa se contrapõe ao avanço do nazismo? Quais os limites da tolerância? Há tolerâncias intoléráveis?